

Graça P. Corrêa
Eleanor Marx

ELEANOR MARX

Autora: Graça P. Corrêa

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

Foto da capa: Pedro Soares

© *Graça P. Corrêa*

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S.A., 2001

Rua D. Manuel II, n.º 33 - 5.ª 4050-345 Porto

Telef.: 226080870 Fax: 226080880

E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-letras.pt

Impressão: Artípol - Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Novembro de 2001

Depósito legal n.º 172734/01

ISBN 972-610-476-9

Código de barras: 9789726104766

Colecção: Campo do Teatro - 13

GRAÇA P. CORRÊA

Eleanor Marx



"Eleanor Marx" foi estreada no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, a 24 de Agosto de 1999, com encenação de Graça P. Corrêa, cenografia de Luís Balula, figurinos de Maria Gonzaga e o seguinte elenco: ELEANOR MARX / TERESA: Cristina Carvalhal; EDWARD AVELING / DIOGO: José Neves; LAURA MARX / ANA: Helena Flôr; PAUL LAFARGUE / AMIR: Ângelo Torres; MAY MORRIS / CLARA: Ana Lacerda; BERNARD SHAW / JACOB: António Filipe; VIOLETTA / CÁTIA: Luciana Ribeiro; OLIVE / GINA: Elsa Galvão; WILLIAM THORNE / ÁLVARO: Carlos Aurélio; FRIEDRICH / JOÃO: Pedro Carmo.

Personagens

As personagens do século XIX encontram-se referidas na coluna esquerda. As personagens correspondentes na época actual, na da direita.

ELEANOR MARX,
activista e escritora,
filha mais nova de Karl Marx

TERESA
actriz

EDWARD AVELING,
biólogo e socialista,
companheiro de Eleanor

DIOGO
licenciado em Gestão
de Empresas

LAURA MARX LAFARGUE,
filha de Karl Marx,
casada com Paul Lafargue

ANA
autora da peça

PAUL LAFARGUE,
médico e socialista francês
casado com Laura Marx

AMIR
encenador da peça

MAY MORRIS,
artista e socialista,
filha de William Morris

CLARA
atriz

BERNARD SHAW,
dramaturgo, jornalista,
socialista Fabiano

JACOB
estudante de Filosofia

VIOLETTA,
amiga de Eleanor

CÁTIA
atriz

OLIVE,
ativista social-democrata

GINA
produtora da peça

WILLIAM THORNE,
trabalhador social-democrata,
mais tarde Presidente do Sindicato

ÁLVARO
actor

FRIEDRICH,
cantoneiro,
filho de Engels

JOÃO
actor

AVELING (*Helmer*) – Até isso?

ELEANOR (*Nora*) – Até isso.

AVELING (*Helmer*) – Aqui a tens.

ELEANOR (*Nora*) – É assim mesmo. Agora está tudo acabado.

AVELING (*Helmer*) – Tudo acabado! Tudo acabado! Nora, nunca mais vais pensar em mim?

ELEANOR (*Nora*) – Sei que vou pensar muitas vezes em ti, nas crianças e nesta casa.

AVELING (*Helmer*) – Posso escrever-te, Nora?

ELEANOR (*Nora*) – Não, nunca.

AVELING (*Helmer*) – Ao menos deixa-me mandar-te...

ELEANOR (*Nora*) – Nada – nada.

AVELING (*Helmer*) – Deixa-me ajudar-te, se precisares.

ELEANOR (*Nora*) – Não, não posso aceitar nada de um estranho.

AVELING (*Helmer*) – E eu nunca hei-de passar de um estranho para ti?

ELEANOR (*Nora*) – Ah, Torvald, teria de acontecer a coisa mais maravilhosa do mundo.

AVELING (*Helmer*) – Diz-me o que é!

ELEANOR (*Nora*) – Quer tu quer eu teríamos de nos modificar tanto que... Mas, Torvald, eu já não acredito que as coisas bonitas aconteçam.

AVELING (*Helmer*) – Mas eu quero acreditar. Diz-me. Teríamos de nos modificar tanto que...

ELEANOR (*Nora*) – Que a nossa vida em conjunto fosse uma verdadeira união. Adeus. (*ELEANOR sai, batendo com a porta.*)

AVELING (*Helmer*) – Nora! Nora! Vazia! Foi-se embora. A coisa mais maravilhosa do mundo...?

(*Silêncio*)

LETTA – Oh! (*Todos olham para ela*) É o fim?

MAY – (*Exibindo a sua cópia da peça*) É o que aqui diz: fim.

PAUL – (*Ergue-se prontamente, aplaudindo*) Uma peça magnífica! E a vossa leitura – soberba!

AVELING – Muito obrigado, Paul.

PAUL – Fantástico, não foi, Laura? (*LAURA não responde*)
Que força! Confesso que não sou um verdadeiro amante de teatro, mas apreciei muitíssimo a arquitectura do texto.

AVELING – Sim, não haja dúvida, estamos perante o autor dos nossos tempos. Finalmente assistimos a assuntos vitais e controversos a ser debatidos no palco. É pena que ele não seja um dos nossos.

PAUL – Mas diz-me uma coisa Edward, vocês sempre chegaram a ter oportunidade de o conhecer?

LAURA – Conhecer quem?

PAUL – O Ibsen, querida. Estamos a falar do Mister Ibsen.

AVELING – Ainda não, em pessoa, até agora correspondemo-nos apenas. Algumas cartas. Mas a Eleanor já está a trabalhar na tradução da última peça dele, trata-se de um texto que...

LETTA – A propósito, onde é que ela está? Onde é que foi a Ellie?

PAUL – Não me surpreende que ela esteja assim tão interessada na obra dele. As personagens são desenhadas de uma forma tão autêntica, que representá-las deve constituir um desafio para qualquer actor. E todas elas são fascinantes.

LETTA – Todas ?

PAUL – Bem, a mim pareceram-me. A si não? Especialmente a protagonista. Que perspicácia sobre a natureza feminina!

BERNARD – *(Que tem estado a reparar no silêncio de OLIVE)* Ora aí é que está!... a questão... *(Continua sentado à mesa, diante de MAY, que está a desenhar o seu rosto sem que ele se aperceba disso, aparentemente)*

PAUL – Qual questão?

BERNARD – Nada. É só uma coisa que sinto no ar...

OLIVE – Estás a olhar para mim, Bernard?

BERNARD – De modo algum, Olive, querida. Estava só a olhar para aí, abstraidamente...

OLIVE – Para o ar?

LETTA – A sério, se é por causa do meu silêncio, devo dizer que não entendi inteiramente o significado da história. Quer dizer, não gostei nada do final. Pareceu-me pouco provável.

AVELING – E porquê?

LETTA – Pareceu-me tudo muito brusco. Não vejo nenhuma razão de peso para tomar uma decisão daquelas, quando já sabemos tudo o que está em causa...